

# Os bancos credores buscam a diversificação do risco

por Maria Clara R.M. do Prado  
de Brasília

Os bancos credores estrangeiros vêm intensificando nos últimos dias a prática da troca de tomadores para as linhas de curto prazo que alimentam o crédito à comercialização e respaldam a liquidez das agências dos bancos brasileiros no exterior, através dos depósitos interbancários.

"Os bancos estão procurando uma diversificação de risco, o que não deixa de ser normal", observou para este jornal o diretor da Área Externa do Banco Central, Carlos Eduardo de Freitas. O Banco Central não tem feito oposição à troca do tomador e por enquanto não colocou exigências em termos de prazo para a renovação das linhas de curto prazo, apesar da preferência de alguns credores em reduzir o período do empréstimo. "O importante é que as linhas fiquem dentro do sistema financeiro brasileiro", atestou ele.

Desde que foi introduzido o sistema especial de controle pelo qual o "clear-up" das linhas de curto prazo — não renovação automática — passa pelo Banco Central, US\$ 34,3 milhões já foram depositados em conta do Banco Central no exterior, conforme a posição de quinta-feira última. Em contrapartida, US\$ 17,1 mi-

## Conable vê progressos

por Paulo Sotero  
de Washington

Para espanto de alguns banqueiros, o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Barber Conable, afirmou na última sexta-feira, em Washington, que se sentia encorajado com os progressos que estão sendo feitos nas negociações entre o Brasil e seus credores privados.

"Ou ele queria falar dos outros países, e trouxe as bolas, ou está determinado a colocar a melhor aparência possível na situação", afirmou um banqueiro de Nova York a este jornal, indicando que não se pode falar em progressos entre o Brasil e os bancos porque, simplesmente, não hou-

ve, até o momento, nenhuma negociação, nem o Brasil está indicando quando ela começará.

Repetindo o que já afirmara na semana anterior, perante uma comissão do Senado, o secretário do Tesouro disse acreditar que as autoridades brasileiras querem resolver o problema da dívida "de uma forma nãoconfrontacional". Baker, que fez essas observações respondendo a perguntas dos membros da National Newspapers Association, lembrou que conversara com o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, na semana passada, e concluiu: "Nós esperamos que o Brasil resolva o problema trabalhando com seus credores privados".

lhões deram entrada junto a bancos brasileiros. Estes são recursos movimentados dentro dos projetos "C" e "D" da fase II do plano de financiamento da dívida externa brasileira, cujo acordo foi renovado provisoriamente com os credores em fevereiro passado para vigorar até o dia 31 de março.

E possível que o BC venha a montar um esquema para atravessar o final desse mês e garantir a manu-

tenção das linhas de curto prazo. O diretor da Área Externa prefere não comentar a respeito, mas diz que o controle que vem sendo exercido sobre aquelas linhas será estendido até que o governo brasileiro chegue a um novo entendimento com os bancos credores a respeito do esquema de pagamento da dívida externa de médio e longo prazo.

"Tenho certeza de que os credores vão entender que

o controle das linhas de curto prazo precisa ser mantido além do dia 31 de março já que não teríamos condições de fazer o repagamento a todos", indicou Freitas.

O BC adota a postura de deixar o maior raio possível de ação aos bancos credores — "desde que não comprometa nossos objetivos" — e por isto mesmo não está interferindo nem na escolha do tomador brasileiro nem nos prazos de aplicação.

Quanto aos "spreads" — taxa de risco —, lembra que sempre foram negociados livremente entre emprestador e tomador nas linhas de curto prazo e também aqui o BC não tem exercido qualquer poder de influência.

Passada a primeira fase de susto que se seguiu à suspensão dos pagamentos dos juros da dívida externa, e depois de os bancos estrangeiros terem absorvido o mecanismo de monitoramento para as linhas de curto prazo, alguns credores já começam a mostrar interesse em saber como funciona o novo esquema do "clear-up". "O sistema é simples: quando o banco não quer renovar a linha, esta é creditada em seu nome junto ao BC, e em um momento posterior, depois de escolher um novo tomador, a linha volta a ser operada normalmente."